

Marx 1857/1858: Além dos Grundrisse

João Antonio de Paula¹

Resumo

Neste texto buscar-se-á surpreender um momento-chave do projeto marxiano, considerando, sobretudo, os outros escritos de Marx, elaborados entre 1857 e 1858, além dos *Grundrisse*. Os anos 1857-1858 são, sob mais de um aspecto, para a vida e para a obra de Marx momentos decisivos. São anos de trabalho intenso, de grande sofrimento pessoal, de grandes expectativas políticas, a perspectiva da abertura de uma nova onda revolucionária a partir da crise econômica, que se instalou em 1857. São anos, enfim, em que a longa elaboração da “crítica da economia política”, iniciada em 1843, chegou à sua primeira totalização, que se ainda não pode ser expressa com o rigor expositivo necessário, já é suficientemente abrangente para permitir a seu autor o início da publicação dos resultados de seus longos anos de estudo da economia política com o livro, *Contribuição da Crítica da Economia Política*, publicado em 1859.

Palavras chaves: Marx, história do marxismo, *O Capital*, *Grundrisse*

Classificação JEL: B14; B31

O contexto da elaboração dos Grundrisse

Eric Hobsbawn disse que o período que se vai analisar aqui, 1857-58, foi momento de grave crise econômica, que veio interromper um significativo processo de expansão, que, tendo se iniciado após as revoluções de 1848-49, teria se prolongado até meados da década de 1870. Tal período, a *Era do Capital*, é marcado pela consolidação da hegemonia do capital, pela consolidação do modo de produção especificamente capitalista como o definiu Marx. Para Hobsbawn, os

¹ Professor do CEDEPLAR/FACE/UFMG.

três episódios recessivos verificados no período – 1847/49, 1857/58 e 1866/68, não devem impedir que se veja a época como marcada por um grande “boom” – “Este período de calma chegou ao fim com a depressão de 1857. Economicamente falando, tratava-se apenas de uma interrupção da era de ouro do crescimento capitalista, que continuou numa escala até maior na década de 1860 e atingiu seu clímax em 1871-73” (Hobsbawn, 1977, p. 52).

A antevisão da crise de 1857/58, por Marx, está na base da motivação que o levou a empreender a redação dos Grundrisse. Diz ele numa carta a Lassalle – “A crise comercial atual incitou-me a dedicar-me, seriamente, à redação das características fundamentais da economia política, ao mesmo tempo que a preparar alguma coisa sobre a crise atual.” (Marx/Engels, 1974, p. 68).

Também contribuiu, decisivamente, para a elaboração dos Grundrisse o fato de que Marx, por dever de ofício, estivesse encarregado pelo jornal anglo-americano, *New York Daily Tribune*, entre 1851 e 1862, de cobrir os principais fatos econômicos e políticos europeus. Sobre isto disse ele, em 1859 - “minha colaboração, já de oito anos, com o primeiro jornal anglo-americano, o “*New-York Tribune*”, tem exigido uma extraordinária dispersão dos estudos, uma vez que apenas excepcionalmente me ocupo com o jornalismo propriamente dito. Contudo, artigos sobre fatos econômicos de destaque, ocorridos na Inglaterra, e no continente, constituem uma parte tão significativa da minha contribuição que me vi obrigado a familiarizar-me com pormenores que ficaram fora do ramo da ciência da economia política propriamente dita.” (Marx, 1974a, p. 138).

Em carta a Engels, em 13 de dezembro de 1857, diz ele – “Estou impondo-me um trabalho gigantesco – a maioria dos dias até as quatro da madrugada. Este trabalho é de dois tipos:”

“1. Elaboração dos traços fundamentais da Economia Política (é absolutamente necessário ir até ao fundo do assunto para o público e para mim mesmo, e assim livrar-me deste pesadelo).”

“2. A crise atual. A este respeito, além dos artigos para o *Tribune*, anoto, simplesmente, todo o dia, porém isto toma um tempo considerável.” (Marx/Engels, 1974, pp. 67-68).

Tanto os artigos de Marx, quanto sua correspondência registram sua concentrada atenção em acompanhar e interpretar as grandes

transformações e eventos que o mundo experimentava, e cujo sentido geral era a imposição da ordem social burguesa em sua plenitude.

Com efeito, os anos 1850, no mundo capitalista central, representam o momento de consolidação das realidades típicas do capitalismo, em variados aspectos. Trata-se, de um lado, da vitória do "ethos" burguês, de suas formas de sociabilidade, de seus valores e símbolos. Época de intenso processo de modernização econômica, política, cultural e institucional, da entrada em cena da ciência como instrumento do desenvolvimento tecnológico; da afirmação do imperialismo comandado pelo grande capital; da imposição da centralidade da luta entre o capital e o trabalho no coração da luta de classes.

Marx a tudo isso considerou e apreendeu, seja em sua obra jornalística, seja na construção de sua crítica da economia política.

O contexto da elaboração dos Grundrisse foi agrupado, aqui, em quatro grandes blocos temáticos: A) a modernização econômica, política e institucional; B) a modernização cultural, científica e tecnológica; C) a imposição do imperialismo e do grande capital; d) a crise de 1857-58.

Inicie-se com a modernização econômica, política e institucional. Assume particular importância, nesse item, os seguintes eventos: o início do processo de unificação da Itália, emblematicamente expresso na ruptura das relações diplomáticas entre a Áustria e o Piemonte, em 1857, a que se seguirão a intervenção francesa ao lado dos piemonteses, em 1858, e, finalmente, a guerra entre a Áustria, o Piemonte e a França, em que a Áustria foi derrotada, abrindo caminho para a política de Cavour, para a pregação de Mazzini e para as campanhas de Garibaldi, que vão resultar, em 1870, na unificação italiana, exceptuando-se o domínio austríaco sobre Trieste, que continuou até a primeira guerra mundial.

A luta pela unificação italiana é, como se sabe, um fenômeno de longa duração, remontando a Maquiavel, senão antes. Dividida entre um norte fragmentado pelas disputas entre as grandes cidades-comerciais; uma região central sob o controle do papado; e um sul dominado pelo império germânico; a Itália, no século XIX, assistiu à emergência dos "interesses nacionais", capitaneados por uma burguesia, que tendo compromissos com o "risorgimento" italiano, com a sua modernização, acomodou-se a uma estratégia que Gramsci chamou de "Revolução

Passiva” e cuja característica central foi a incompletude do processo de distribuição de renda e da riqueza, de que resultou a efetiva construção de um fosso social e econômico entre o sul, que foi mantido alijado do processo de modernização, e o norte, que se aproximou das experiências mais exitosas da modernização capitalista.

A unificação da Itália foi processo que Marx acompanhou de perto e que esteve presente em sua obra jornalística. Substantivamente, o processo de unificação da Itália ao lado de expressar o fortalecimento de segmentos da burguesia italiana, também expressou, fundamentalmente, a presença de velhas instituições resquícios do Antigo Regime – o Império Austríaco, um fantasma do poderio Habsburgo, e do Papado, protegido até então pela França, que derrotada pelo emergente império Hohenstauffen, em 1870, permitiu a anexação dos territórios papalinos ao reino da Itália.

Há considerável paralelismo e intercorrência entre os processos de unificação da Itália e da Alemanha, que ocorrem, entre 1861/1870 e 1864/1870, ambos momentos significativos da modernização capitalista no século XIX.

De 1858 é a ascensão do príncipe Guilherme à regência da Prússia. Em 1861, ele será coroado rei, com o título de Guilherme I. Em 1862 ele convidou Bismarck para ministro da Prússia dando início à vertiginosa escalada de guerras e transformações econômico-político-sociais, que Lênin chamou de “via prussiana” do desenvolvimento capitalista.

Todos esses eventos ligados aos processos de unificação da Itália e da Alemanha foram considerados, que se referiu a eles em seus artigos para o NYDT, como também esteve atento aos acontecimentos nas Américas e no continente asiático.

Em 1857, teve início a guerra civil mexicana que significou, no âmbito da periferia do capitalismo, tentativa de constituir uma república moderna, liberal, anticlerical e antiaristocrática, matriz de uma longa e complexa experiência, que culminou com a Revolução Mexicana de 1910.

Na mesma direção, da modernização, lembre-se a emancipação dos servos sob o domínio do Czar russo, Alexandre II, em 1858, que antecipa a emancipação geral da servidão na Rússia, que ocorreu em 1861. Listem-se, ainda, dois eventos que confirmam as tendências de modernização então em curso. São eles: o lançamento do primeiro cabo

submarino entre Inglaterra e Estados Unidos, em 1858, experiência que terá curta duração, pela ocorrência de problemas técnicos, mas que é a primeira tentativa de interligar em tempo real, o mundo capitalista avançado. Na mesma direção, de ampliação da mundialização do capital, é o início da abertura do Canal de Suez, em 1859.

O segundo ponto a se destacar aqui é o referente à modernização cultural, científica e tecnológica. Neste campo assinala-se, de saída, a publicação de três livros centrais na constituição da cultura contemporânea, que são, de 1857, – Madame Bovary, de Flaubert e As Flores do Mal, de Baudelaire – e de 1859, A Origem das Espécies, de Darwin. Se Darwin significou, a um tempo, um alargamento da experiência humana e um redimensionamento de seu lugar no mundo, Flaubert e Baudelaire trouxeram-nos a ampliação da sensibilidade humana para além dos constrangimentos da moralidade e do gosto burgueses.

Tanto Madame Bovary, quanto As Flores do Mal colocam-nos diante de uma nova sensibilidade, uma sensibilidade transgressiva, que não hesita em representar os sentimentos humanos sem as idealizações do romantismo. Uma literatura, que ultrapassa as auto-impostas etiquetas do bom-gosto, dos bons sentimentos, de um sublime vicário. Com Baudelaire e Flaubert, e mais tarde com Zola, é o canhestro, o precário, o fugaz, o vertiginoso da experiência urbana, que tomarão o lugar do que antes era a pretensão ingênua e edificante.

Com Darwin, rigorosamente, estamos condenados à história como projeto, como abertura, como interdição a todo dogmatismo, à toda teleologia, se se quer ser fiel à sua mensagem: as infinitas possibilidades de um devir, que é tão auspicioso, quanto angustiante.

No âmbito da tecnologia o período considerado é marcado pela ascensão dos Estados Unidos como potência inovadora em tecnologias, que serão decisivas em nosso tempo: a tecnologia do petróleo, a tecnologia da eletricidade, a tecnologia da linha de montagem. É de 1859, é a primeira extração de petróleo nos Estados Unidos. Também de 1859 a instalação de luz elétrica em Nova York. De 1860, a difusão das modernas linhas de montagem, a partir dos matadouros de Cincinnati e Chicago, que serão implantadas na indústria de revólveres, rifles, relógios, máquinas de costura, etc. (Hobsbawn, 1977, p: 64), abrindo

caminho para a padronização e para a massificação da produção, que marcarão o capitalismo monopolista.

Aqueles foram os tempos do início da expansão imperialista; do imperialismo típico da etapa dominada pelo grande capital. Trata-se, aqui, tanto do definhamento de velhos impérios (Áustria, Portugal, Rússia, Turquia, Espanha), quanto de afirmação de novos impérios: a Alemanha unificada; os Estados Unidos; quanto da reafirmação dos impérios, especificamente capitalistas, como Inglaterra e França. Todos esses processos estão emblematicamente presentes na Guerra da Criméia, entre 1854 e 1856.

A Guerra da Criméia, entre Rússia e Turquia, explicitou tanto as debilidades dos dois velhos impérios quanto a confirmação da supremacia econômica e militar da França e, sobretudo, da Grã-Bretanha. Supremacia britânica, que se afirmará, ainda mais, na guerra contra a Pérsia, que ampliou e consolidou a presença britânica no Oriente Médio.

Em 1858, França e Inglaterra impuseram à China o Tratado Tien-Tsin, que, na prática, significou transformar os principais portos chineses em protetorados daqueles países. Em 1858, a França iniciou a conquista da Conchichina, com a ocupação de Saigon. Entre 1860 e 1861 a França invadiu a Síria. Em 1858, a Inglaterra fez avançar seu poder na Índia com a transferência das possessões da Companhia das Índias Orientais para o império britânico.

A transferência para o domínio do Estado britânico do território controlado pela Companhia das Índias não alterou a essência da brutal exploração, que caracterizou a presença britânica na Índia desde o século XVII. Disse Braudel – “A dupla política sistemática dos capitalistas ingleses, que consideraram a Índia: a) como um mercado para o qual dirigir seus produtos industriais (deram um golpe de morte na indústria algodoeira tradicional indiana, que havia conhecido seu auge importante no século XVIII, ao se transformar em moda na Europa os tecidos indianos coloridos e estampados); b) como um mercado fornecedor de certas matérias-primas – juta de Bengala, algodão das terras de regur, na região de Bombaim, destinados a abastecer a indústria inglesa de Lancashire.” (Braudel, 1969, p. 216).

Todos estes eventos e processos mobilizaram a atenção e a pena de

Marx. Observador qualificado, militante político e jornalista, obrigado a acompanhar a conjuntura em suas diversas dimensões, Marx a tudo procurou entender e interpretar. Mas, com certeza, é a crise econômica de 1857-58, que mobilizou o centro das atenções de Marx naquele período. Veja-se o que diz Rubel:

“De outubro de 1857 até finais de fevereiro de 1858, Marx reúne uma grande quantidade de materiais históricos e estatísticos sobre o desenvolvimento da crise econômica de 1857, que, por sua dimensões internacionais, lhe parece como o pródromo de queda do capitalismo e o início de uma nova era revolucionária” (Rubel, 1991, p. 69).

Até a obra de Clement Juglar, de 1862, *Les Crises Commerciales et leur retour périodique en France, en Angleterre et aux Etats Unis*, o pensamento econômico burguês recusava-se a reconhecer a existência de flutuações cíclicas na economia. Quando o fez, com Jevons, por exemplo, atribuiu uma causa ao fenômeno perfeitamente distante da realidade social. Para William Stanley Jevons (1835-1882) os ciclos seriam consequências das perturbações climáticas decorrentes das manchas, que apareceriam, periodicamente, no sol afetando o clima e assim a produção agrícola.

A existência de crises periódicas, e o reconhecimento de suas determinações histórico-sociais, foi uma das marcas do pensamento de esquerda. Diz Hobsbawn – “Foi em 1860, depois da primeira destas quedas mundiais, que os economistas acadêmicos na pessoa de um brilhante doutor francês, Clement Juglar (1819-1905), reconheceram e mediram a periodicidade deste “ciclo econômico” até então considerado apenas por socialistas e outros elementos heterodoxos.” (Hobsbawn, 1977, p. 65).

A partir de 23 de abril de 1857 a correspondência entre Marx e Engels apresentará um item permanente, que é a crise econômica. Os dois amigos acompanharam a crise trocando, sistematicamente, informações e opiniões. Em 7 de dezembro de 1857, Engels escreveu a Marx – “Nunca havia ocorrido, até agora, um pânico tão complexo e clássico como o que reina atualmente em Hamburgo. Tudo carece de valor, absolutamente de valor, à parte o ouro e a prata.” (Marx/Engels, 1974, p. 61). Em 5 de dezembro de 1857, Engels, escreveu – “As casas comerciais de Liverpool e de Londres vão quebrar em pouco tempo.”

(Marx/Engels, 1974, p. 63). Ainda Engels, em 11 de dezembro de 1857 – “Nesta crise, a superprodução foi geral como nunca antes, não se pode negar, e inclusive tanto para os produtos coloniais como para os cereais.” (Marx/Engels, 1974, p. 63). Em 17 de dezembro, Engels – “A crise me mantém em suspense de uma maneira infernal. Todos os dias baixam os preços.” (...) “Manchester submerge cada vez mais na crise.” (Marx/Engels, 1974, p. 66).

Um exame da correspondência entre Marx e Engels, e dos textos jornalísticos escritos por Marx entre 1857 e 1858, confirmam a existência de uma modalidade de divisão do trabalho entre Marx e Engels, em que este, então envolvido na gestão de uma indústria em Manchester, tomando-se especialista em questões práticas da vida econômica, abastecendo o amigo em Londres com informações e detalhes técnicos, que subsidiaram o trabalho de Marx, tanto o imediato, como jornalista, quanto o referente à crítica da economia política, que ele elaborava em paralelo.

Um exemplo do que, efetivamente, mobilizava o projeto de Marx, no referente à crise, transparece no trecho da carta de 3 de março de 1859, para Engels, quando Marx diz – “Para mim o importante é encontrar nas condições materiais e imediatas da grande indústria um elemento determinante desses ciclos.” (Marx/Engels, 1974, p. 73).

Uma pista para a identificação dos elementos determinantes dos ciclos apareceu na carta de Marx para Engels, de 2 de março de 1858, quando diz – “o período de tempo que, em média, se renovam as máquinas é um elemento importante para a explicação do ciclo de vários anos, que abarca o movimento industrial desde que se consolidou a grande indústria...” (Marx/Engels, 1974, p. 71).

A resposta de Engels, em 11 de março de 1858, é uma longa carta, que esclarecendo as indagações de Marx, detalha os mecanismos relativos ao tempo de vida útil dos equipamentos e as regras de depreciação, questões que serão fundamentais para a completa elaboração dos conceitos de capital constante e capital fixo.

De fato, é no contexto da crise, de 1857/58, que Marx elabora uma concepção abrangente das determinações das crises reafirmando-as como “crises de superprodução de mercadorias e de capital” e relacionando a periodicidade das crises, seu caráter cíclico, à duração do capital fixo. Diz Mandel – “A crise de 1857-58 era aliás mais geral

que as crises precedentes: ela se estendia geograficamente a uma área mais ampla e tocava todos os ramos da indústria.”

“É no curso do estudo dos anos de 1857-58 que Marx descobre pela primeira vez as relações entre a duração do ciclo e a duração de reprodução do capital fixo.” (Mandel, 1968, p. 79).

Há ainda outra dimensão da crise, que merece ser mencionada: é o fato dela convocar, decisivamente, uma articulação entre economia e política, entre realidade econômica e mobilização política. Ao descobrir o funcionamento das crises econômicas, ao analisar suas determinações estruturais, ao apontar suas consequências gerais e específicas sobre os trabalhadores, Marx fez da crítica da economia política um instrumento insubstituível da luta de classes, da luta pela revolução socialista. E nesse sentido, que os *Grundrisse*, em 1857/58, retoma, amplia e efetivamente materializa o que no Manifesto Comunista, de 1848, escrito por Marx e Engels, está apenas enunciado: a realização do comunismo como resultado da dissolução das condições de vigência da lei do valor, pela explicitação de seu caráter inelutavelmente contraditório.

Marx, O New York Daily Tribune e The New American Cyclopaedia – 1857/1858

Entre 1851 e 1862 Marx foi correspondente, na Europa, do Jornal NYDT. Esta atividade, que foi a principal fonte de renda da família naqueles anos difíceis e de grande sofrimento, também foi o acicate que contribuiu para o alargamento da compreensão de Marx sobre os fatos concretos da vida econômica e política sob o capitalismo. Obrigado a entregar dois artigos semanais para o jornal, às terças e quintas-feiras, Marx desdobrou-se adicionando à sua vasta cultura histórica, filosófica e literária os elementos provenientes tanto da teoria da economia política, quanto de seus inúmeros aspectos empíricos.

Foram tempos, aqueles anos 1850, em que a precariedade das condições de vida da família instalada em Soho Square, era o outro lado de uma insana rotina de trabalho, que cobrará seu preço debilitando a saúde de Marx, que não se recuperou mais. Inteiramente voltado para o trabalho teórico e jornalístico, Marx afastou-se da militância política,

depois da dramáticas circunstâncias de sua participação nas Revoluções de 1848/49, que levaram à sua expulsão de três países (França, Bélgica e Alemanha), à prisão, ao exílio londrino e à condição de apátrida, que o acompanhou até o fim de sua vida.

São anos de trabalho intenso e de preparação, de elaboração dos elementos crítico-práticos capazes de conduzir a ação revolucionária dos trabalhadores. Diz Mehring – “Quando Marx e Engels se retiraram, no outono de 1850, da vida de militantes do partido, fizeram acompanhar este ato de uma declaração: “Uma nova revolução não poderá eclodir até que ecloda uma nova crise. Pois tanto uma quanto outra são inevitáveis.” (Mehring, 1965, p. 202).

De fato a crise veio, em 1857, e começou nos Estados Unidos. Para Marx e Engels, a crise determinaria uma retomada do ascenso do movimento de massas por suas deletérias consequências sobre o emprego e a renda dos trabalhadores. Marx foi dos que sofreu as consequências negativas da crise. Impactado pela crise o NYDT reduziu a colaboração de Marx para um artigo semanal reduzindo assim, pela metade, seus ganhos.

De todo modo, a redução do trabalho jornalístico foi a oportunidade para Marx, mergulhar, enfim em sua “Economia”. Disse Jenny Marx em carta a Conrad Schramm – “Ainda que a crise norte-americana nos esteja tocando dolorosamente no bolso, já que Karl, agora, não pode mandar ao Tribune mais que um artigo por semana, em vez de dois, sendo ele com Bayard Taylor, o único correspondente europeu que não tenha sido demitido, você pode imaginar o satisfeito que “o mouro” está. Voltou nele a capacidade e a facilidade de trabalho e a frescura e a alegria do espírito dos melhores tempos; faz vários anos, desde nossa grande desgraça, desde a perda daquele filho de meu coração, ao qual jamais chorarei o bastante, que não havíamos visto ele assim. Karl trabalha durante o dia para ganhar o pão e à noite para terminar sua Economia. Agora, que este trabalho responde a uma necessidade, espera-se que não lhe falte um editor.” E não faltou, com efeito, graças aos esforços de Lassalle.” (Mehring, 1965, p. 204).

Entre janeiro de 1857 e dezembro de 1858, Marx escreveu 98 artigos, 95 publicados pelo NYDT; um que ficou inédito, até 1928, quando foi publicado em tradução russa – “B. Bauers Pamphlets on the collision with Rússia”; um artigo para o The Free Press, “A Traitor in Circassia”;

e uma carta para o Editor do *Die Neue Zeit*, publicada em 17 de julho de 1858 (Marx e Engels, *Collected Works*, vols. 15 e 16, 1986, 1980).

Também entre janeiro de 1857 e dezembro de 1858 Marx escreveu 18 artigos para o *New American Cyclopaedia*, sendo 8 em parceria com Engels, e 10 como único autor (MARX e ENGELS, *Collected Works*, vol. 18, 1982).

Sobre a importância da obra jornalística de Marx para a construção da crítica da economia política, Michael Krätke, escreveu um decisivo artigo – *Journalisme et science – l'importance des travaux journalistiques de Marx pour la critique de l'Economie Politique* – in *Actuel Marx*, nº 42, 2007.

Não se fale aqui de prejuízos para o esforço de elaboração da crítica de economia e política o tempo e o trabalho dedicados ao jornalismo. De fato, é preciso ver a atividade jornalística como fornecendo base empírica, que informará e subsidiará a elaboração dos *Grundrisse*, que sendo um discurso sobre o capital em geral, sobre as formas mais gerais de presentificação do capital, não prescinde de referências histórico-concretas, que são trazidas ao texto tanto para exemplificações, quanto como materializações do movimento geral do capital como “particularidade” e como “singularidade”, isto é, pela explicitação de suas formas fenomênicas de existência.

Os artigos escritos por Marx, entre 1857 e 1858, podem ser agrupados em blocos temáticos, que traduzem a compreensão de Marx sobre a conjuntura européia e mundial pela frequência e abrangência com que abordou os temas. No Prefácio para o volume 15 das *Collected Works* de Marx e Engels, os organizadores do volume dizem – “As contribuições de Marx e Engels para o *New-York Daily Tribune* no período são quase as únicas oportunidades que tiveram para expressarem suas opiniões sobre questões internacionais vitais, assim como sobre os problemas políticos internos dos países europeus, revelando o conteúdo de classe dos acontecimentos mundiais, a partir do ponto de vista dos interesses do proletariado. Os mais significativos desses eventos eram: a crise econômica de 1857-58, a primeira que atingiu o conjunto do mundo capitalista, as guerras coloniais e a revolta dos povos indianos pela libertação do jugo britânico.” (Marx e Engels, *Collected Works*, vol. 15, p. XIII).

Agrupem-se os artigos em blocos temáticos. O tema mais extensamente tratado por Marx foi a Revolta dos Sipiaios, soldados

indianos do exército britânico, entre 1857 e 1858, que foi discutida em 19 artigos. O segundo tema mais freqüente foi a crise econômica, com 17 artigos. Aparecem na sequência os artigos referentes à situação político-econômica da Grã-Bretanha, com 11 artigos. Com nove artigos vem, em seguida, a discussão sobre a situação da Prússia a partir da regência de Guilherme, futuro Imperador Guilherme I, à frente da monarquia prussiana. Em sete artigos Marx discutiu as guerras anglo-chinesas, desde a primeira guerra do ópio, entre 1838-1842. O tema das implicações e significado da emancipação dos servos na Rússia foi tratada em três artigos. O sistema bancário europeu foi discutido em seis artigos com destaque para as inovações trazidas pelo Banco Crédit Mobilier, dos irmãos Pereire. Os temas – início da emancipação italiana e a guerra da Inglaterra contra a Pérsia – foram abordados em dois artigos cada um deles. Os restantes 19 artigos abordaram diversos aspectos da vida sócio-política européia, incluindo temas como o atentado de Orsini contra Napoleão III, o aumento da incidência de doenças mentais na Grã-Bretanha, entre outros.

Trata-se de meticulosa apreensão de aspectos cruciais da realidade político-econômico-cultural num momento em que o capitalismo consolidava-se como modo de produção especificamente capitalista. Momento em que Marx vai caracterizar como aquele em que os “limites do capital” são postos pelo próprio capital, isto é, em que são as condições da busca da valorização ampliada do capital, em que na busca de aumentar os lucros, o capital acaba por produzir o efeito contrário, a queda da taxa de lucro.

As bases materiais deste processo assentam-se na dupla generalização das relações sociais capitalistas da produção e das forças produtivas especificamente capitalistas, processo, este último, que se confunde com a complementação da Revolução Industrial, que se deu com a expansão das ferrovias, e todo o conjunto de “encadeamentos”, para frente e para trás, que esta atividade gera.

De fato, o que se assistiu a partir de 1850, no capitalismo central, foi a emergência e consolidação tanto de mecanismos financeiros, quanto de inovações tecnológicas, que vão permitir a imposição da produção industrial em grande escala, centrada: no desenvolvimento da tecnologia siderúrgica baseada no convertedor Bessemer; na

generalização do petróleo e da eletricidade como fontes energéticas; na disseminação da padronização e massificação da produção a partir da “linha de montagem”.

Está presente na obra jornalística de Marx o acompanhamento crítico e sistemático das vicissitudes da economia e da política da Inglaterra: o orçamento público, os debates parlamentares, a derrota do gabinete de Palmerston, as eleições parlamentares, as condições de trabalho nas fábricas inglesas, o orçamento do gabinete Disraeli; a indústria e o comércio britânicos. Também com atenção são reportados os acontecimentos da vida política francesa sob Napoleão III. De fato, nenhuma das circunstâncias significativas da vida social européia escapou a Marx e a Engels, que de Manchester, também envolvido em exaustiva atividade como dirigente de indústria, encontrou tempo para também colaborar com NYDT e com a *New American Cyclopaedia*, além de sua extensa correspondência com Marx, decisiva para a elaboração teórica da crítica da economia política.

Entre janeiro de 1857 e dezembro de 1858, Engels publicou 19 artigos no NYDT, em colaboração que complementa a contribuição de Marx ao abordar, com ênfase, os aspectos técnico-militares envolvidos nas guerras e revoltas consideradas por Marx sobretudo do ponto de vista histórico, político e econômico. Esta expertise de Engels fica mais evidenciada nos verbetes que escreveu para a *Cyclopaedia*.

Desde 1845/46, com a *Ideologia Alemã*, Marx e Engels, já haviam estabelecido as bases de uma concepção materialista da história (às vezes mal compreendida, transformada em “determinismo unilateral”, em “economismo”) centrada na idéia da existência de determinações materiais da existência e das formas simbólicas. É a partir deste ponto de vista, que Engels considerava, junto com a teoria da mais-valia, uma das grandes e revolucionárias contribuições teóricas de Marx, que ele considerará diversos aspectos da vida social, política e cultural. É o caso, por exemplo, do artigo publicado em 20 de agosto de 1858, pelo NYDT, chamado – *The Increase of Lunacy in Great Britain*, em que os fenômenos do pauperismo e do aumento das doenças mentais são analisados nos quadros do desenvolvimento do capitalismo britânico. Diz Marx: “Não está bem estabelecido na sociedade britânica a correspondência entre o crescimento da moderna riqueza e o pauperismo.

Curiosamente, a mesma lei parece válida com respeito às doenças mentais. O incremento das doenças mentais na Grã-Bretanha se dá no mesmo ritmo que o crescimento das exportações, e é mais expressivo que o crescimento da população.” (Marx e Engels, Collected Works, vol. 15, 1986, p. 602). Com efeito, neste artigo, que reporta os dados da Grã-bretanha referentes aos internos em asilos e outras instituições de recolhimento de pobres e doentes mentais, submetidos à tratamento, Marx diz que o tratamento dispensado a eles nestas instituições é inferior ao que é dado aos quadrúpedes em estábulos ingleses.” (Marx e Engels, Collected Works, vol. 15, p. 606).

Ao lado da justa e indignada denúncia, este artigo de Marx estabelece, com clareza, a interrelação entre a dinâmica da acumulação de capital e as condições de vida da classe operária, sendo assim antecipação de texto exemplar, de O Capital, livro I, cap. XXIII, quando diz “A análise da estatística dos indigentes põe em evidência dois pontos. Primeiro, o aumento e a diminuição da massa de indigentes refletem as mudanças periódicas do ciclo industrial. Segundo, a estatística oficial vai deixando de registrar a verdadeira extensão do pauperismo à medida que se desenvolve, com a acumulação do capital, a luta de classes, em consequência, tomam os trabalhadores consciência de sua própria dignidade.” (MARX, 1968, Tomo II, p. 759).

Os dezoito verbetes escritos por Marx para a *New American Cyclopaedia*, entre 1857 e 1858, referem-se a temas de história militar. Dezesseis verbetes são biografias, sendo 15 de militares e uma de Robert Blum, um dos líderes e mártires da Revolução Alemã de 1848-49. A grande maioria dos biografados são militares envolvidos nas guerras napoleônicas, sejam eles russos, alemães, franceses, britânicos. A grande exceção aqui é a biografia de Simon Bolívar y Ponte, escrita entre dezembro de 1857 e 8 de janeiro de 1858, e publicada no volume III na NAC em 1858. Sobre este verbete é preciso concordar com José Aricó em sua crítica à visão preconceituosa e desequilibrada de Marx, que, apegando-se, surpreendentemente, a um certo esquematismo teórico foi incapaz de reconhecer, apesar das limitações políticas da experiência bolivariana, suas virtualidades como processo de mobilização de amplos segmentos camponeses, de expressão concreta da luta de classes tal como ela se dava na periferia, ainda colonial, do capitalismo na América Latina (Aricó, 2008).

Para Teodor Shanin, a perspectiva de Marx sobre a periferia do capitalismo alterou-se significativamente a partir de 1870/71. A partir deste momento passa a estudar a língua russa, sua história e sua vida contemporânea. Este interesse, que está longe de ser episódico ou incidental, significou para Marx a abertura de um novo horizonte de possibilidades teóricas e políticas, fundadas na revalorização da dialética a partir de uma "conceptualização mais complexa e mais realista da heterogeneidade mundial das formas sociais, sua dinâmica e interdependência." (Shanin, 1990, p. 18).

Só dois verbetes dos dezoito não são biográficos. Um é sobre a Batalha de Ayacucho, ocorrida no Peru, em que as tropas comandadas pelo general Sucre, derrotaram os exércitos do vice-rei da Espanha, general la Serna, em 9 de dezembro de 1824, abrindo caminho para o efetivo fim da dominação espanhola na América do Sul. O outro verbete não biográfico é sobre a Invencível Armada espanhola de Felipe II, derrotada pela Inglaterra, em 1588. Engels escreveu ainda mais 80 verbetes para a Enciclopédia entre 1857 e 1862.

Os Grundrisse e a Contribuição à Crítica da Economia Política

Entre janeiro de 1857 e dezembro de 1858, Marx escreveu 98 artigos sendo 95 deles publicados no NYDT. No mesmo período Engels escreveu 19 artigos para o NYDT, material que está presente nos volumes 15 e 16 dos Collected Works de Marx e Engels, tradução inglesa de parte da MEGA, Marx-Engels Gesamtausgabe, edição das obras completas de Marx e Engels, ainda em curso, prevista para ter 112 volumes. Para o mesmo NYDT, Engels publicou, entre janeiro de 1857 e dezembro de 1858, 16 artigos que complementam os trabalhos de Marx.

No mesmo período, Marx e Engels vão colaborar num outro projeto de Charles Dana, *The New American Cyclopaedia*, lançada por ele em 1857, e para a qual Marx escreveu 10 verbetes isoladamente e 6 em co-autoria com Engels, sendo que este último escreveu mais 90 verbetes.

A rotina de trabalho de Marx durante longos anos, interrompida por várias crises de saúde, que se agravaram com o tempo, consistiu

em uma tripla jornada em que as manhãs e as tardes eram passadas no Museu Britânico em trabalho de pesquisa e redação dos artigos para o jornal, reservando-se as noites e as madrugadas para o trabalho de elaboração da crítica da economia política.

Foi com base neste ritmo que Marx, ao mesmo tempo que realizava seu trabalho jornalístico e a redação dos verbetes para a *Cyclopaedia*, redigiu os *Grundrisse*.

A redação dos *Grundrisse* teve início entre Agosto/Setembro de 1857, quando foi elaborada uma Introdução que foi publicada, em 1903, por Kautsky, com o título – Introdução à Crítica da Economia Política. Entre outubro de 1857 e março de 1858, e maio-junho de 1858, Marx escreveu os 7 cadernos que compõem os *Grundrisse*. Entre agosto de 1858 e janeiro de 1859 ele redigiu o livro *Contribuição à Crítica da Economia Política*, publicado em junho de 1859.

Bem considerado, o volume da produção intelectual de Marx entre 1857 e 1859 ultrapassa muito 2 mil páginas impressas, resultado de uma capacidade de trabalho invulgar no momento de plena constituição do central de sua teoria.

Não é o caso aqui de detalhar o significado e o lugar dos *Grundrisse* na obra de Marx. Registre-se, sobre isto, que este livro, escrito entre 1857 e 1858, e publicado em 1939/41, representa a primeira, e sob certos aspectos a mais abrangente, manifestação de conjunto da “crítica da economia política” projeto a que Marx se dedicou desde 1843.

Sabe-se que os *Grundrisse*, quando comparados ao *O Capital*, tem importantes lacunas, como por exemplo a ausência da teoria da mercadoria, que tão decisiva é para a “lógica da exposição” da crítica da economia política. Sobre isto, disse Lukács – Os “*Grundrisse*” embora repleto de análises instrutivas acerca de complexos e conexões não tratados em *O Capital*, não possui ainda em sua composição global o modo de exposição novo – metodologicamente claro e ontologicamente fundamental – da obra-prima concluída.” (Lukács, 1979, p. 42).

Nos *Grundrisse*, ao final do caderno II, no capítulo do capital, no item que se chama – “Capital e propriedade territorial moderna – Wakefield. *O Capital*” – Marx apresenta, sem mais, sem qualquer destaque, a sequência da lógica da exposição da crítica da economia política, que é a própria lógica da exposição do capital, consubstanciada

na sequência: I. Generalidades, o capital como tal; II. Particularidades, a acumulação de capital; III. Singularidades, o capital como crédito, como capital por ações, como mercado monetário, que vêm a ser as formas superiores, isto é, mais “desenvolvidas” da existência do capital (Marx, 1974, vol. I, pp. 161-162).

É impossível exagerar a importância desta passagem para a adequada compreensão da centralidade teórico-metodológica dos Grundrisse na crítica da economia política de Marx. Com efeito, o que Marx se permitiu nos Grundrisse foi fazer aparecer, de maneira ainda não inteiramente desdobrada, o conjunto do itinerário do capital, de suas manifestações genéricas, como capital em geral, até suas formas mais desenvolvidas, formas-limite que tangenciam a própria vigência do capital, o vislumbre da instauração de uma sociedade pós-capitalista, que seja a superação da sociabilidade alienada fundada na lei do valor, na lei da valorização do capital.

Lembre-se, também, que fez parte da elaboração dos Grundrisse, a Introdução à Crítica da Economia Política, escrita em agosto de 1857. Sobre isso ouça-se Maximilien Rubel – “Em agosto, Marx escreve uma Introdução Geral para sua obra econômica, onde traça pela primeira vez o plano de conjunto; a estrutura lógica, histórica e o método de exposição de sua “Economia”. Preocupado em não “antecipar resultados ainda não conquistados”, Marx descartará esta Introdução para a substituir, em 1859, pelo Prefácio da Para a Crítica da Economia Política (RUBEL, 1991, p. 69).

Roman Rosdolsky ensinou-nos que os Grundrisse são os “fundamentos” da crítica da economia política, que também remetem aos limites históricos da lei do valor, isto é, às condições de possibilidade de emergência do socialismo (Rosdolsky, 2001, cap. 28).

Nesse sentido, é preciso ver os Grundrisse como um exemplar desdobramento, porque totalização de uma “démarche” a um tempo filosófica, teórica e política, da petição representada pela 11ª Tese sobre Feuerbach, que foi politicamente respondida com o Manifesto Comunista, escrito por Marx e Engels, em 1848, e que se realiza, nos anos 1857/58, como crítica da economia política, isto é, como crítica dos fundamentos histórico-naturais da sociedade burguesa.

Sabe-se que os Grundrisse não foram escritos visando publicação.

Com efeito, seu propósito era sintetizar os avanços alcançados pelos estudos de Marx, de ser um inventário do essencial do projeto da crítica da economia política empreendido desde 1843. Para Marx, os *Grundrisse* funcionaram como um grande repositório do seu ajuste de contas com a economia política, incluindo desde a apresentação do central dos autores-chave, deste campo do conhecimento, até a reelaboração crítica que os conceitos e categorias da economia política estavam sendo submetidas sob o escrutínio da crítica da economia política, sua efetiva superação nos termos que esta expressão assume na tradição da dialética hegeliana.

Trata-se, para Marx, com os *Grundrisse*, não de se submeter à economia política a uma crítica externa, que sendo correta que seja deixe intacto o objeto sobre qual se aplica. Trata-se, de fazer da crítica um instrumento que apropriando-se do objeto desloca-o de seu enquadramento tradicional, numa operação em que: a) denuncia-se o que nele está definitivamente morto; b) aperfeiçoa-se o que nele está sendo universal, carece de desenvolvimento; c) agrega-se certos conteúdos capazes de permitir a emergência de um devir efetivamente emancipatório.

Decerto, há temas e questões nos *Grundrisse*, que só lá estão tratados, exatamente, porque “inventário” do conjunto da “crítica da economia política”, como é o caso da teoria das formas históricas dos modos de produção; da teoria da subjetividade; da troca da historicidade da lei do valor.

Marx encerrou a redação dos *Grundrisse* em junho de 1858. Entre agosto de 1858 e janeiro de 1859 redigiu *Contribuição à Crítica da Economia Política* que é o primeiro fruto dos *Grundrisse*, isto é, a primeira manifestação plenamente desenvolvida da “crítica da economia política”. Publicado em junho de 1859, este texto foi pensado para ser o primeiro fascículo, contendo um Prefácio, um capítulo sobre a mercadoria, e um capítulo sobre o dinheiro, a que seguir-se-ia um terceiro capítulo, sobre o **capital**, que encerraria a parte relativa ao capital da crítica da economia política que contemplaria ainda mais cinco partes, ou livros – um sobre o trabalho assalariado; um sobre a propriedade da terra; um sobre o Estado; um sobre o comércio internacional; um sobre o mercado mundial e as crises.

De fato, Marx deu seguimento ao plano tendo escrito entre 1861 e 1863, um manuscrito, em 5 cadernos, que contém o material do Capítulo 3º da *Contribuição à Crítica da Economia Política*, sobre *O Capital*. Durante a redação deste capítulo Marx redefiniu seus planos, tendo deixado em estágio razoavelmente acabado, no capítulo sobre o **capital em geral**, as discussões referentes à transformação do dinheiro em capital e a teoria da mais valia absoluta e relativa, que só será publicado no âmbito da MEGA em 1976 (Lefbvre, 1980, p. 8).

Pelo novo planejamento de Marx todo o material constante da *Contribuição à Crítica da Economia Política*, de 1859, e do capítulo sobre o capital em geral, redigido entre 1861 e 1863, foi refundido e ampliado para aparecer no livro I de *O Capital*, de 1867.

Abstract

This text will make appear one key moment in the Marxian project. For that, it considers all other writings of Marx prepared between 1857 and 1858, and the *Grundrisse*. In more than one way, the years 1857-1858 are decisive moments for the life and work of Marx. They are years of hard work, of great personal suffering, of great political expectations. It seemed that was coming a new revolutionary wave from the economic crisis, which started in 1857. In these years, in short, the long development of the "critique of Political Economy", that was initiated in 1843, reached its first summation. It still could not be expressed with the necessary rigor of exposition, but it was broad enough to allow the author the early publication of the results of his long years of study of political economy. Therefore, the book *Contribution of the Critique of Political Economy* was published in 1859.

Keywords: Marx, history of Marxism, *Capital*, *Grundrisse*.

Referências

- ARICÓ, José – "Introdução" a Marx, Karl. In: Simon Bolívar. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- BRAUDEL, Fernand – Las Civilizaciones Actuales. 2ª edição. Madrid: Editorial Tecnos, 1969.

- HOBBSAWN, Eric J. – A Era do Capital (1848-1875). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- LEFEBVRE, Jean-Pierre – Introduction – In: MARX, Karl – Manuscrits de 1861-1863 (Cahiers I a V). Paris: Editions Sociales, 1980.
- LUKÁCS, György – Ontologia do Ser Social. Os Princípios Ontológicos Fundamentais de Marx. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1979.
- MANDEL, Ernest – A Formação do Pensamento Econômico de Karl Marx. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.
- MARX, Karl – O Capital. Livro I, Tomo II. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- _____ – Los Fundamentos de la Crítica de la Economía Política (Grundrisse der Kritik der Politischen Ökonomie). Tomo I. Madrid: Alberto Corazón Editor, 1974.
- _____ – Para a Crítica da Economia Política. São Paulo: Abril Cultural, Os Pensadores, 1974a.
- _____ – Cartas sobre El Capital. Barcelona: Editorial Laia, 1974.
- MARX, Karl e ENGELS, Frederick – Collected Works (vol. 15). Londres: Lawrence & Wishort, 1986.
- _____ – Collected Works (vol. 16). Londres: Lawrence & Wishort, 1980.
- _____ – Collected Works (vol. 18). Londres, Lawrence & Wishort, 1982.
- MEHRING, Franz – Karl Marx. El Fundador del Socialismo Científico. Buenos Aires: Editorial Claridad, 1965 (3ª edição).
- ROSDOLSKY, Roman – Gênese e Estrutura de O Capital de Karl Marx. Rio de Janeiro: EUERJ/Contraponto, 2001.
- RUBEL, Maximilien – Crônica de Marx. São Paulo: Editora Ensaio, 1991.
- SHANIN, Teodor – El último Marx: dioses y artesanos. In: SHANIN, Teodor (Org.) – El Marx Tardío y la vía Russa. Marx y la Periferia del Capitalismo. Madrid: Editorial Revolución, 1990.